



ACONTECE NO CAU

Nestes dias, eu tenho me indagado sobre o que deveria dizer aos jovens estudantes que recém ingressam no curso de Arquitetura e Urbanismo e começam a desvendar os seus “mistérios”. Ou aos que, em breve, deixarão o curso para enfrentar os obstáculos e alegrias da vida profissional, num momento em que nosso país passa por tantas dificuldades e indefinições e que todos nós, inclusive os mais idosos e experientes, estão possuídos de dúvidas e incertezas, podendo oferecer mais perguntas do que respostas.

Mas o que se pode e se deve dizer não são palavras de desânimo ou desalento. As dúvidas e incertezas não são para nos imobilizar nem constituem desculpas para nos fazer estacionar em nossas perplexidades. Estamos em um tempo em que se acabaram as certezas e as verdades prontas. O tempo é de desafios. É preciso criativa e dialeticamente construir saídas e novas respostas para situações novas. É preciso saber indignar-se contra a injustiça, o erro, a desonestidade, o preconceito, a prepotência, o ódio e a violência. É preciso ser intolerante com a tolerância, é preciso saber indignar-se. Indignai-vos! Porém, compremetei-vos! (Stéphane

Hessel) É indispensável comprometer-se. Não basta dizer “não”! É Preciso comprometer-se afirmativamente com ideais, sonhos e utopias. Mais que isso, é preciso acreditar que em outro mundo é possível. É preciso seguir um ensinamento de Darcy Ribeiro quando criou, com Anísio Teixeira, a UnB. “Comprometer-se com os mais elevados padrões do saber e com os problemas do povo brasileiro (eu diria mais, com os problemas de Brasília e seu povo sofrido)... Então, como eu não tenho respostas, vou deixar para vocês algumas perguntas e questões para debate:

88

Qual arquitetura? Arquitetura para quem? É arquitetura oficial para o governo? É para as empresas? E o Pobre, como é que fica nessa? É arquitetura para quem pode pagar? Quais os compromissos da arquitetura? Qual é o poder da arquitetura? A arquitetura tem cumprido o seu papel? É preciso atuar politicamente? Como? O que é arquitetura brasileira hoje? E quanto ao passado e ao futuro da arquitetura brasileira? Quais são os compromissos com a economia, segurança, consumo, mobilidade, meio ambiente e energia? E quanto ao patrimônio cultural e a história? Me pergunto também sobre algumas homenagens que faltam (ainda): Joaquim Cardoso, Auguste Glaziou... E por último, sobre a arquitetura digital... será?

ACONTECE NO CAU

Durante os dias 09, 10 e 11 de outubro de 2017, ocorreu a 1ª Jathis (Jornada de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social de Brasília), evento que envolveu profissionais e estudantes de arquitetura e áreas correlatas, além de diversos órgãos envolvidos no processo do programa de Assistência Técnica (AT) e várias instituições de ensino, do qual participei e obtive excelentes experiências as quais quero compartilhar, pois acredito que todos os arquitetos deveriam estar atentos ao assunto.

O evento teve início com o preparo dos estudantes que participaram das oficinas (em reunião no sábado anterior), e com as palestras que mostraram passo a passo como funciona o programa de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social de Brasília. A primeira coisa que percebi foi a quantidade de pessoas e de áreas envolvidas – não é apenas uma questão de fazer um projeto e executar, é preciso cooperação de todas as esferas envolvidas. Isso significa dizer que devemos estar em constante aprendizado e sempre em contato com os demais envolvidos, de forma a poder compreender e sugerir propostas e mudanças que beneficiarão a todos,

mas principalmente, os favorecidos pelo programa.

Logo nas primeiras palestras, me dei conta do quanto a arquitetura como produto é subvalorizada (uma vez que as pessoas consideram que não é necessário “gastar” com os serviços de um arquiteto), e o quanto a cultura brasileira vê a compra desse produto como algo supérfluo ou de luxo – a maioria das moradias brasileiras são construídas de forma vernácula ou sem projeto, onde os próprios moradores são os autores das obras. Justamente por terem essa visão cultural sobre o profissional de arquitetura, para muitas pessoas é melhor “economizar construindo com as próprias mãos” do que pagar caro por um projeto devidamente elaborado por um profissional. Outro ponto pertinente é o foco dos arquitetos nessa minoria que “paga mais” por sua moradia. Durante a palestra da CODHAB foi esclarecido que apenas 7% das cidades brasileiras são feitas por arquitetos e em Brasília 80% das casas não possuem projeto, isso, em uma cidade com a maior taxa de crescimento metropolitana dos últimos anos (14% em 5 anos). O foco da maioria dos arquitetos almeja atender a esses 7%, ao mesmo tempo em que o número de arquitetos que estão se formando é cada vez maior.

O número de pessoas que não possuem moradia no país é imenso, bem como os que a possuem em estado precário, sem segurança, salubridade ou conforto ideais. Existem situações em que nós, que moramos em uma casa, por mais humil-

de que seja, não conseguimos imaginar situações pelas quais nenhum ser humano deveria passar. A constituição prevê o direito à moradia, e sendo assim, a participação do profissional arquiteto em programas sociais é de essencial importância para a garantia de segurança, eficiência e principalmente qualidade de vida.

Sobre as burocracias em que estão condicionadas a AT (Assistência Técnica), onde se encaixam os órgãos financiadores, serviço social, documentação, impostos, executores e fornecedores, foi o momento em que tive um dos primeiros “choques” em relação ao programa. Todas essas burocracias levam a uma situação bastante limitada, porém, os resultados demonstram que mesmo com pequenos atos (como mutirões com a comunidade), é possível transformar vidas. Às vezes, o que é feito é muito pouco se considerarmos tudo que é necessário, mas já garante uma vida bem mais digna para aquelas famílias que até então não podiam dispor de um mínimo de qualidade em suas moradias.

Durante as oficinas, tivemos oportunidade de ver o modo com que os arquitetos, estagiários e voluntários se acomodam, ora em pequenas estações de trabalho, ora em locais comuns da comunidade em questão, como no caso do meu grupo, uma escola de ensino fundamental da QNR (Endereço, Setor R de Ceilândia). A casa que visitamos possui graves problemas, como fiação exposta, armaduras das vigas descobertas, estando vulnerável ao clima e correndo risco de desabamen-

to, além de não haver aberturas, ventilação e iluminação natural suficientes. O terreno era fechado com Madeirit, restos de madeira e telhas de fibrocimento, não havia porta na entrada principal, jardim cheio de entulho. Após a visita, começamos a pensar em soluções para os principais problemas da casa.

No segundo dia, o projeto foi estruturado em desenho técnico e foi feita uma planilha orçamentária onde percebi que era impossível levar adiante todas as alterações propostas de início. Focamos então na substituição de parte do telhado, iluminação e ventilação naturais, substituição e implantação de portas, poços de ventilação e janelas, reforço estrutural, restauração da estrutura, aumento do pé direito, fechamento de falhas (buracos na parede que comprometiam fiação e estrutura) e impermeabilização dos banheiros. Infelizmente, não foi possível realizar a construção do muro nem a troca da fiação, pois o maior risco era a proximidade com o aço e a água da infiltração.

Ao fim da oficina, vi que a diferença, por pouca que seja, é enorme e muda bastante a vida dessas pessoas, não apenas no que diz respeito à sua vida e sua casa, mas também no seu conceito sobre o trabalho do arquiteto e urbanista. Nas palestras vimos casos consolidados de moradias onde as pessoas passam a ter orgulho de dizer que a sua casa tem um documento e um projeto feito por um arquiteto. Elas começam a perceber a diferença de uma casa construída sem planejamento, com grandes gastos e grandes erros, faltando

coisas essenciais e sobrando coisas supérfluas - como alguns casos em que haviam móveis mais rebuscados ou aparelhos como máquinas de lavar, mas não haviam portas, paredes ou até teto -, com uma casa construída de forma econômica por um profissional e com máximo possível daquilo necessário para garantir a segurança, conforto e a qualidade de vida das pessoas.

Também vimos casos de reurbanização, onde eram feitos mutirões com a participação da comunidade para realizar mudanças simples, mas que transformavam completamente a imagem do local, como a pintura de muros e implantação de mobiliário urbano, e por ser feito com a cooperação da comunidade, é mantido e não se torna degradado com o tempo, facilita a urbanização e melhora a qualidade de vida.

Ao fim da jornada eu me senti transformada, pois havia visto coisas que dificilmente eu pensaria por estar normalmente mantendo o foco em grandes obras de arquitetura. Percebi que além de ser uma mudança de mentalidade para o profissional de arquitetura, além de gerar mudanças na vida das pessoas, essa pode ser a oportunidade de começar a transformar a cultura brasileira a respeito da nossa profissão. Quanto mais arquitetos se engajarem nessa causa, quanto mais vidas forem transformadas, quanto mais localidades sejam transformadas, mais as pessoas perceberão o valor de uma boa arquitetura, urbanismo, paisagismo e mais seremos mediadores de cidadania,

ajudando a garantir direitos básicos que todo cidadão brasileiro merece receber.

Para mim, a Assistência Técnica, o trabalho social, é antes de mais nada um dever, um direito, uma contribuição e ainda é um instrumento de mudança e transformação de mentalidades, de pessoas, de vidas e de cidades. Recomendo a todos os estudantes e arquitetos experimentarem ao menos uma vez na vida fazer a diferença na vida de quem não pode pagar por nossos serviços, de quem é o maior público crítico de nossa profissão, de quem merece ter dignidade em seus lares - não que seja necessário deixar de lado grandes obras - mas por que não ter um segundo foco, por exemplo, nas áreas carente de nossos serviços? Sejam cidadãos e transformemos vidas, pode ter certeza que entre elas estará a nossa própria.

92



Fig 45 - Visita a casa contemplada pela oficina na QNR - Grupo 4/Foto:Caio/Erick Camilo



Fig 46 - Equipe E – QNR/Frederico Barbosa



Fig 47 - Todos os participantes da oficina/Foto: Larissa Cayres